

## Octávio Brandão: *Forças encadeadas*

Antonio Arnoni Prado

Nestas *Forças encadeadas*, volume de versos inéditos do libertário Octávio Brandão (1896-1980) que acabam de ser publicados no Rio de Janeiro, mais do que a notação pessoal de combates e batalhas nem sempre levados a bom termo, o que marca é uma espécie de relicário de ilusões que ao longo dos anos vincaram primeiro a alma e depois a obra. Nas oito seções que repartem o livro (Poesia da terra natal; A poesia de Laura; Sentimento; Pensamento; Hinos cósmicos; A revolta; Cantos revolucionários; e Em marcha para o futuro), a nota do lirismo afina para a revolta os acordes românticos que José Oiticica um dia destacou em epígrafe para depois lançar, não isento de amargura, à fogueira das vaidades. Talvez tivesse razão, vistas as coisas do quadrante de hoje, muito afastado, sabemos, da linha do horizonte em que travaram, ambos, em plena juventude, ao lado de um Astrojildo Pereira, de um Florentino de Carvalho e de um Edgard Leuenroth, de algumas das lutas decisivas para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Para Oiticica, a imagem que vai ficar é a de Octávio Brandão anarquista, o homem “culto, inteligentíssimo, profundamente sincero e honesto, [...] avesso ao mando como à submissão, anarquicamente desrespeitador de ídolos e incapaz de receber ordens”, ao lado do qual, em missão clandestina, falou em fins de 1918 a centenas de pescadores insubordinados<sup>1</sup>.

Num poema escrito por aqueles dias, num dos vagares de uma incursão pelos canais de Alagoas em busca do petróleo, o poeta Octávio Brandão, olhando as colinas da margem direita do rio Paraíba, exaltava no Zumbi dos Palmares “o varão, o eternal, o gigante” em que pulsava “o sopro astral, sublime da igualdade”. Por essa época, desfrutava de um lindo quintal ao pé de lento riacho, “perto do sorriso ideal” da irmã, testemunha fiel do abandono naquele “mundo morto de engenho antigo, a dormir, a sonhar”<sup>2</sup>.

Era moço e já muito impressionado pelo tema da escravidão e do heroísmo, que entremeava a uns quantos versos parnasianos e descorados, em geral de louvação à natureza da terra nativa, de onde brotariam as primeiras visões: a vida em liberdade, a igualdade entre os homens, a mulher amada que lhe daria o primeiro filho, também moldado no heroísmo:

*filho do fogaréu e da procela,  
Herói...clarão...incêndio... luz... rastilho...*

e que, como um rebento de Tirteu, encarnaria o avatar da rebelião destinado a cantar a Vitória em todos os seus tons:

*Látigo para os maus, luz para os bons,  
Canto de guerra num milhão de gritos,  
Brado de luz para os milhões de aflitos*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Oiticica, José. Bem feito!, in *Ação direta*. Seleção, introdução e notas de Roberto das Neves. Rio de Janeiro, Gerninal, 1970. p. 254. Ver também, no mesmo livro, os artigos “Anarquistas e bolchevistas” e “Brandão e Gildo!!!”

<sup>2</sup> Brandão, Octávio. “Viçosa de Alagoas”, “A quinta do paraíso” e “Engenho pejado”, in *As forças encadeadas*. Rio de Janeiro, s.ed., 1995, p. 17.

<sup>3</sup> Ver “Meu filho”, cit., p. 29.

Movia-o então a certeza algo ingênua de que a arte dos trópicos daria um outro rumo ao espírito da humanidade. Gauguin é evocado por ele num manuscrito intitulado “O caminho: epopéia nacional brasileira”, a perambular pela baía da Guanabara, cuja beleza lhe teria inspirado o mergulho no paraíso dos mares do Sul. O mesmo dirá das impressões do jovem guarda-marinha Rimski-Korsakov, a bordo do navio a vela *Almáz*, acerca do “prodigioso oceano tropical, com o seu azul e os seus clarões fosforescentes, o sol admirável e suas nuvens”<sup>4</sup>.

A poesia “inspirada nas multidões, temperada na dor das batalhas” é um dos temas que se revelam nos manuscritos inéditos do jovem poeta, inconformado com a atitude dos nossos intelectuais, os quais chega a comparar a “flores de estufa, a escribas desenraizados do Brasil, voltados para a França decadente e não para a França imortal”<sup>5</sup>.

Tanto assim que em *Canais e lagoas*, publicado em 1919 pela Livraria Jacinto Ribeiro dos Santos, esse tema reaparece combinado à *lei do desenvolvimento universal* da Humanidade, tão cara aos anarquistas, mas já cortada pelo imperativo da ideologia da libertação nacional inspirada, segundo Octávio, “na doutrina de Marx, Engels e Lenin”, com o que o poeta e os artistas em geral passam a integrar as fileiras da luta programática. “Que os artistas e literatos”, escreve agora Octávio Brandão, “se inspirem no realismo revolucionário e cantem a vida, a luta e a história do povo”<sup>6</sup>.

Nada mais destoante, no entanto, de certas páginas destas *Forças encadeadas*, que agora vêm a público apresentadas por um texto evocativo e oportuno da filha Dionysa. Ao leitor acostumado ao martelar insensível das palavras de ordem ou mesmo ao palavrório desarticulado tão comum às abstrações forçadas dos textos militantes, o que surpreende é o tom desigual do combatente que se confessa e penitencia, apesar e a pretexto das batalhas a enfrentar. Lendo-o, a impressão que fica é do homem que por momentos interrompe um combate para olhar comovido a devastação circundante e sem remédio. No centro, a modulação das palavras aparando discrepâncias profundas, malgrado o jorro emotivo da pregação ideológica. Do compasso regular, quase solene, dos versos ditados pela alma anarquista — em geral sonetos e quadras rimadas —, aos textos mais longos inspirados na gramática do Partido (poemas maiores, versos soltos e brancos, certa funcionalidade das formas), o traço singular que por vezes aflora é o olhar impressionado que se distancia, alheando-se de tudo. Duas palmas num rosal iluminado sintetizando a alma revolucionária de Nise da Silveira (“A uma violeta”), a esperança da trégua “em tanta raiva, em tanto fel” (“Ensarilhar armas!”), a agonia do Sete Estrelo sob uma estranha nebulosa como emblema da vida miserável dos deserdados (“O trabalhador de enxada”).

Maria Luisa Berneri, a filha do libertário italiano Camilo Berneri que, incentivada por George Woodcock, trabalhou fundo a distinção entre utopias autoritárias e utopias revolucionárias, nos fala da inaptidão dos visionários e dos poetas para o mundo planejado das utopias nos tempos modernos<sup>7</sup>. As coisas mais ou menos se passam como se entre o espírito conservador e o empenho revolucionário se interpusesse uma habilidade prática, de poder de decisão, sem a qual as imposições da luta social não conseguem avançar, motivo aliás suficiente — como sabemos —, para que um visionário como Landauer (nas palavras de Martin Buber)

---

<sup>4</sup> Cf. “O caminho: epopéia nacional brasileira”. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH da Unicamp. V. 2, p. 7.

<sup>5</sup> Cit., p. 108.

<sup>6</sup> Cf. *Canais e lagoas*. Versão manuscrita. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH da Unicamp, p. 59-60.

<sup>7</sup> Berneri, Maria Luisa Berneri *Viaggio attraverso utopia*. Pistóia, Edição do Movimento Anárquico Italiano, 1981, *passim*.

referindo-se a Walt Whitman, a quem traduziu, o comparasse a Proudhon na sua indefinição entre o sonho e a realidade, o bem comum e a vocação individualista<sup>8</sup>.

Não por acaso é o mesmo Walt Whitman que dá a Octávio Brandão as epígrafes dos livros V (Hinos cósmicos) e VI (A revolta) que, em certo sentido, harmonizam duas aspirações opostas: a do visionário que espera voltar “sobre a face da terra, passados cinco mil anos”, e a do militante convicto de que os seus versos farão “redobrar os tambores da rebelião” — pontos extremos de reminiscências que aproximam Bakunin e Castro Alves, Marx e o *Rig Veda*, a aspiração à morte meditada num subúrbio de Moscou e as atribulações do caboclo Borborema nos sertões remotos do Ceará.

No entanto, é quando fala dos homens ou de sua própria trajetória, e não do Partido e da Revolução, que a poesia de Octávio Brandão parece apaziguar as indecisões de alguém cuja vida foi marcada pela dor e pela injustiça, nas palavras da filha Dionysa. Não surpreende que justamente através dela, depois de encerrada uma vida de lutas e de proações, uma coletânea de versos *post mortem* venha afinal confirmar que o sonho permaneceu como a única certeza em seu corajoso legado revolucionário. Talvez por isso Lima Barreto, que com ele se solidarizou publicamente pelas perseguições que sofreu por parte do governo de Alagoas, decidiu incluí-lo, num texto hoje esquecido sobre *Canais e lagoas*, na falange dos grandes sonhadores — os “doços sonhadores” de verdades.

---

<sup>8</sup> Cf. Buber, Martin. *O socialismo utópico*. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 68.